



MS06: Três propostas metodológicas de pesquisa com História Oral: diferentes caminhos analíticos

Questões metodológicas na produção de uma análise narrativa sobre a formação de professores em Mato Grosso do Sul

Methodological questions in the production of a narrative analysis on teacher training in Mato Grosso do Sul

Carla Regina Mariano da Silva¹

Resumo

O objetivo deste texto é discutir um modo de implementar uma análise narrativa de narrativas em uma pesquisa de doutorado que teve como objetivo produzir histórias sobre a formação de professores de Matemática em Mato Grosso do Sul. Dez narrativas foram elaboradas a partir da metodologia de História Oral, nove delas a partir de entrevistas e uma delas a partir de uma autoentrevista, que após elaborações, tornou-se a análise do trabalho. Entendemos que a análise foi produzida em um movimento antropofágico, no qual a pesquisadora, embebida das demais narrativas, elaborou uma narrativa analítica.

Palavras-chave: Narrativas, História Oral, Análise Narrativa.

Introdução

O objetivo deste texto é propor uma discussão sobre a produção da análise em pesquisas históricas que têm narrativas como fontes do trabalho. Para isto, tomaremos como mote a análise realizada em uma pesquisa defendida em 2015, que tinha como objetivo produzir histórias sobre a formação de professores de Matemática em Mato Grosso do Sul nas cercanias da década de 1970. A pesquisa, durante o caminhar, tomou rumos inesperados e, a partir da banca de qualificação, as discussões metodológicas foram voltadas para a produção e análise de narrativas e essas, tomaram lugar central no texto, ao fim, na tentativa de problematizar já no título do trabalho tal temática, a pesquisa ficou intitulada: Uma, Nove ou Dez Narrativas sobre as Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato

¹ Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP-Rio Claro-SP. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil. Email: carla.silva@ufms.br

Grosso do Sul. De modo que, fisicamente, em um dos lados estão disponibilizadas nove narrativas produzidas a partir de entrevistas realizadas com dez professores que lecionaram nos cursos estudados. Já no outro lado, encontra-se a narrativa produzida pela autora a partir de uma autoentrevista. De posse de um gravador e com um roteiro previamente preparado pela pesquisadora, uma história sobre a formação de professores de Matemática foi contada, e se constituiu como a análise da investigação. Explicitar o modo como essa análise foi produzida e os pressupostos teóricos que a fundamentaram são os assuntos a serem apresentados aqui.

Trabalhos com narrativas vêm sendo desenvolvidos há alguns anos pelos grupos GHOEM – Grupo de História Oral e Educação Matemática - e HEMEP - História da Educação Matemática em Pesquisa -, utilizando-se a História Oral como metodologia de pesquisa. Em geral, o pesquisador vai à busca de personagens que possibilitem a produção de histórias sobre um tema escolhido. Essas histórias, produzidas em momentos de entrevistas, são tomadas como narrativas, elaboradas a partir da oralidade, e passadas posteriormente para o papel a partir de uma nova elaboração, com o objetivo de torná-las mais próximas de um texto escrito. Além das narrativas, documentos que auxiliem o pesquisador durante a investigação também são tomados como fontes, e entendidos como narrativas, já que contam àquele que os interpreta, uma história. A análise dessas narrativas é produzida a cada momento e a cada (re)elaboração, mas explicitada, em geral, ao final do trabalho de pesquisa em forma de um texto.

As narrativas produzidas em momentos de entrevistas, por alguns, entendidas como versões de uma história, e por outros, entendida como histórias elaboradas durante a investigação por diversos atores, compõe o corpo do trabalho, e possibilitam àquele que lê, uma elaboração diferente daquela fixada pelo pesquisador durante a análise. Em meio a diferentes visões do que seria uma narrativa, um consenso nos parece ser o de que não há hierarquizações entre as fontes, e assim, na produção de uma pesquisa tudo aquilo que nos ajude a contar uma história pode ser utilizado.

Por um tempo, uma história contada por uma testemunha ocular, por aquele que vivenciou, seria uma história em primeira mão. Essa classificação, no entanto, cai por terra se pensarmos que a única história a que temos acesso é aquela elaborada, contada por alguém. Viver o acontecimento e narrar o acontecimento certamente são coisas distintas. Sem a intenção de fazer uma diferenciação entre o viver e o experienciar tal qual Larrosa (2002)² o faz, chamamos a atenção para o fato de que o momento da experiência é fugaz, e como tal, não pode, em hipótese alguma, ser recuperado. Mesmo a narrativa produzida no mesmo instante do acontecimento não tem essa capacidade. Ela é também uma interpretação do que está ocorrendo, carregada de sentimentos e opções políticas. Descrever o que se sente é muito diferente de sentir, e nesse sentido, a classificação de fontes com base em quem narra, ou seja, dizer que existem narrativas produzidas por aqueles

² “Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu.” (LAROSSA, 2002, p.22)

que vivenciaram e por aqueles que ouviram, nos parece desnecessária: ambas são elaborações narrativas carregadas de subjetividades. Sempre existirá uma distância entre o vivo e o narrado. Não importa a distância temporal entre a elaboração da narrativa e o vivido, por que no fundo, a produção de uma narrativa nada mais é do que uma elaboração, intencional, do vivido. O que existe é apenas o que podemos falar sobre o acontecimento e esse discurso é reelaborado a todo o momento.

Pinto (2015), tendo como base a filosofia de Wittgenstein, nos ajuda a discutir a elaboração de uma narrativa como uma produção, com um estatuto muito distinto da experiência vivida, de um acontecimento:

Se o significado de uma palavra é o uso que dela fazemos, o significado de expressões que nos remetem a um momento passado não é "o momento passado em si", mas o uso que se faz dessas mesmas expressões em um determinado jogo de linguagem. Em outras palavras, poderíamos questionar: o que é o mundo senão aquilo que as pessoas dizem dele? O que é um fato histórico senão o que se narra sobre ele? Haveria uma realidade anterior, para além do relato, que se possa buscar? (Pinto, 2015, p. 868)

Se o que falamos sobre o passado, não é o passado, ou ainda, se não há uma realidade anterior para além do relato que se pode fazer de algum acontecimento, o que temos quando fazemos história? Ou mais precisamente, quando elaboramos narrativas históricas não há um referente para o qual algumas se aproximam mais ou menos e, por isso, não são mais ou menos verdadeiras. E ainda, "não se buscam meios de se aproximar a escrita em referência de algo efetivamente vivido, mas, sim, de potencializar e de problematizar o que se diz sobre tais temas." (Pinto, 2015, p. 869). Sem um referente ao qual se agarrar, como hierarquizar estas fontes? Este não nos parece ser um processo lícito e útil, que agregue em nossa produção.

Desse modo, a problematização da formação de professores de Matemática em Mato Grosso do Sul feita em Silva (2015) foi realizada a partir de dez narrativas, que, no limite, são histórias possíveis de se contar, e como tais, invenções, sejam elas produzidas por testemunhas oculares, seja em uma narrativa produzida pela própria pesquisadora. Além disso, ainda que entendendo cada narrativa como única e *irrepetível*, quiséssemos procurar semelhanças e diferenças entre as narrativas ali produzidas, veríamos que todas elas são apenas elaborações intencionais, e em muito se diferenciam da experiência vivida.

Afinal, o que entendemos por narrativa?

Estamos entendendo as narrativas produzidas em momentos de entrevistas como um modo de articular experiências na forma de um relato. Esse, feito em direção a alguém em uma ordem sequencial de eventos, por escrito ou oralmente (Bruner, 1991). A produção de narrativas em uma pesquisa histórica, de maneira geral, ocorre processualmente na medida em que significados são produzidos juntos as fontes a que temos acesso. A cada novo ingrediente, a cada nova leitura, a cada nova afetação, uma outra narrativa é elaborada, e ao ser contada, é fixada em uma dada sequência – a sequência do texto, seja ele falado ou escrito. Esses modos de se entender as narrativas determinam um modo de lermos o mundo, um modo de entendermos como as pessoas dão sentido às suas vidas: contando e recontando, a todo o momento elaborando uma história.

Segundo Bruner (1991), “nós organizamos nossa experiência e nossa memória de acontecimentos humanos principalmente na forma de narrativas: histórias, desculpas, mitos, razões para fazer e para não fazer...” (Bruner, 1991, p. 4). Dificilmente, no entanto, falamos de maneira desordenada aquilo que nos vem à mente, uma vez que nesse processo de produção de narrativas há certos limitantes sociais. Produzimos nossas narrativas dentro de certa convenção do que pode ser dito. Ou, ainda, produzimos nossas narrativas em um movimento de equilíbrio entre a memória – que poderia ser considerada aqui, de acordo com Bruner (2014), como um aspecto interno – e nossas expectativas frente ao outro – ou aquilo que pensamos que o outro queira ouvir (atendendo, assim, aos aspectos externos). Há ainda um equilíbrio entre autonomia e compromisso, ou seja, nós temos autonomia para narrar, mas o nosso compromisso com os outros nos impede de dizer qualquer coisa. Essa ideia do compromisso com o outro é tão importante que a falta de tal empatia social é classificada, na maioria das vezes, como um tipo de sociopatia, uma vez que indica a “ausência de um senso de responsabilidade em relação às necessidades do ser social.” (Bruner, 2014, p. 79).

Apesar de serem escritas geralmente em um contínuo, as narrativas não são nem lineares nem homogêneas. Uma adjetivação mais justa seria dizer que elas são dispersas, inacabadas e, nesse sentido, fogem do controle do discurso lógico que parte de premissas em direção à resultados certos. São livres de algumas amarras (mas presas a outras, certamente) e por isso, possibilitam um discurso não linear, fluido, que não se deixa dominar plenamente. Mas como estudar essas nuances do discurso do outro, como elaborar compreensões com aquilo que nos escapa? Uma primeira decisão a ser tomada quando se trabalha com narrativas é a respeito do modo como elas serão analisadas. Em Silva (2015), nos parecia ser impossível estabelecer categorias para enquadrar esses discursos tão múltiplos. Fazer isso seria anular as singularidades que puderam ser percebidas no modo como cada um narrou sua história. Em contrapartida, ao produzir uma análise narrativa o modo como os entrevistados contavam, seus sentimentos, visões de mundo, repetições, falas em distintos sentidos, discursos prontos, poderiam ser problematizados. Ou seja, a análise narrativa nos permitiria enfatizar as singularidades que tornam cada narrativa única.

Esse foi o modo como uma análise narrativa de narrativas foi elaborada em Silva (2015). O texto foi escrito a partir da vivência adquirida no processo de pesquisa, e nesse movimento, “sei de muita coisa que não presenciei, mas experienciei de um outro modo, e são essas coisas que busco explicitar neste texto.” (Silva, 2015, p. 55), nos diz a autora.

Análise Narrativa

Nos trabalhos que tem sido feitos pelos grupos GHOEM e HEMEP, os dados tem sido constituídos, em boa parte, como dados narrativos. Não há um padrão, no entanto, no modo como a análise desses dados é realizada. A esse respeito, Bolivar; Domingos; Fernández (2001), apresentam uma classificação quanto à natureza da análise de dados narrativos, separando-os em dois tipos, uma análise paradigmática a partir de dados narrativos e uma análise narrativa de dados narrativos:

Análisis paradigmático de datos narrativos: estudios basados em narrativas, historia oral o de vida, pero cuyo análisis (llamado, normalmente, «cualitativo») procede por tipologías paradigmáticas, taxonomías o categorías, en orden a llegar a determinadas generalizaciones del grupo estudiado. (Bolívar; Domingos; Fernández, 2001, p.107).

Análisis narrativo, propiamente dicho: estudios basados en casos particulares (acciones y sucesos), pero cuyo análisis (narrativo, en sentido estricto) produce la narración de una trama o argumento, mediante un relato narrativo que torne significativos los datos. Aquí no buscamos elementos comunes, sino elementos singulares que configuran la historia. (Bolívar; Domingos; Fernández, 2001, p. 109).

Enquanto uma aposta na busca por temas comuns ou no agrupamento de conceitos, dado um conjunto de narrativas, o outro busca a singularidade. Concentra-se nas ações e decisões dos personagens das histórias investigadas, e da atenção especial ao contexto cultural, temporal e espacial que a trama se desenvolve. A análise narrativa de narrativas produz uma *outra* narrativa, singular, que não se propõe a ser a história verdadeira. O relatório de pesquisa,

no es, entonces, un frío informe objetivo y neutro, donde las voces (del/os protagonista/s, investigador e investigado) aparecen silenciadas, ni tampoco una mera transcripción de datos; consiste en haber dado sentido a los datos y representado el significado en el contexto en que ocurrió, en una tarea más próxima al buen reportaje periodístico o novela histórica. (Bolívar; Domingos; Fernández, 2001, p. 110).

Nesse sentido, entendemos ter realizado em Silva (2015) uma análise narrativa de narrativas, ou seja, diante de dados narrativos, outra narrativa foi elaborada. A produção dessa análise se fez seguindo um movimento que temos chamado de antropofágico, ou seja, seguindo a etimologia da palavra antropofagia, realizamos um movimento que é o devorar do outro. Um movimento no qual histórias são assimiladas - sem que isso signifique uma cópia do outro - e passam a fazer parte daquele que narra. A partir do momento em que a autora se pôs a contar a história, ela assumiu para si toda a responsabilidade sobre o dito. Não ouvíamos mais a voz do entrevistado, e sim, a fala de uma mulher, uma professora, formada em um curso com características muito próximas daqueles ali descritos, noturno e com várias dificuldades estruturais e de pessoal. Nesse processo, o que realmente aconteceu não interessa – visto ser irrecuperável -, mas sim, o que é possível dizer sobre aquilo, as elaborações produzidas e fixadas naquelas narrativas.

A análise narrativa como um movimento antropofágico exige que se leia as fontes exaustivamente até que se esteja embreado da “coisa toda”, até que os entrevistados façam parte do investigador. Nesse ponto, as memórias se misturam de modo que quem falou ou como falou não fica claro. As histórias ali contadas são novamente elaboradas e deixam de ser a história de um grupo de professores, e passam a ser a história daquele que conta, quando então, embebido dos dados, o pesquisador fixa no papel a narrativa elaborada.

A produção da análise narrativa de narrativa é um “devorar” de fontes a ponto de sentirmos que aquilo nos pertence, e que aquela história poderia ter sido vivida por nós. É uma antropofagia das entrevistas, dos textos lidos, das histórias contadas. Em Silva (2015) as vivências da pesquisadora enquanto discente de um curso de licenciatura noturno, enquanto docente da educação básica e da educação

superior se misturam com as histórias ouvidas. Não há no relatório de pesquisa produzido a simples repetição tal qual se ouviu/leu, mas, sim, tal qual foram compreendidas/percebidas ao serem relatadas por cada um dos personagens da história que se tinha como objetivo produzir. Ao fazer isso, as vozes ali presentes são de quem narra.

Diferente das demais, a narrativa construída no processo de análise foi produzida em um processo solitário, no qual a narradora buscou rememorar aquilo que contaria a história pretendida. Quando é dito, por exemplo, que Celso tentou fazer o mestrado na Universidade Federal em São Carlos e não conseguiu devido à cansativa semana de trabalho, é explicitado o modo como a narradora percebe essa tentativa frustrada relatada por Celso, e não, propriamente, o que ele narrou.

Esse movimento antropofágico, no qual produzimos a análise narrativa de narrativas, consiste numa mistura de fatos percebidos não apenas no decorrer da pesquisa, mas durante toda a vida do narrador. A realidade é construída por aquele que a interpreta a partir de aspectos construídos culturalmente. Ouvimos e dizemos o que percebemos a partir de nossas experiências, e o resultado disso é uma narrativa impregnada de aspectos do narrador, mesmo que ele – ou suas circunstâncias – não tenha relação direta com o tema narrado.

O que aqui chamamos de movimento antropofágico são modos de “inventar compreensões, podendo elas serem as mais variadas e até mesmo contraditórias”. (Fernandes, 2014, p. 127). As narrativas foram lidas e relidas tantas vezes se fez necessário, não em busca de encontrar verdades ocultas, mas daquilo que escapava a um olhar contínuo. Em contrapartida, olhares oblíquos e esguios foram lançados e, muitas vezes, era possível observar o desejo cedendo à realidade, sendo posto de lado à custa de ajustes “necessários”. A análise narrativa nos permitiu “analisar movimentos e fraturas (do ponto epistemológico) que estabelecem o vai e vem dos textos, das histórias e dos outros. A vida em seu movimento, sob óticas diversas, submetidas a diferentes entendimentos.” (Souza; Digiovanni; Viana, 2010, p. 252).

Construir, Produzir, Inventar: ações que acompanharam a análise narrativa em todos os momentos de sua composição, não só por ser esse o modo como entendemos a realização de uma tese, mas também por entender que não há nada pronto à espera de um reconhecimento.

[...] os objetos do mundo social em sua constituição, que nos acostumamos a ver como naturais, não estiveram aí desde sempre, imutáveis, pairando num limbo, à espera que viéssemos resgatá-los e falar sobre eles, como nos ensinou Foucault. Não basta que deles tomemos consciência – tais objetos não preexistem em si mesmos; é necessário, para que eles “surjam”, que sejam inventados, engendrados, a partir de um complexo feixe de relações. (Bujes, 2007, p.25)

A maior dificuldade encontrada neste exercício, no entanto, foi aquela já citada por Martins-Salandim (2012) quando da realização da análise do trabalho em questão: a sutil diferença entre a elaboração de uma síntese, um resumo, e a de um trabalho analítico. Entendo que parte dessa diferença está no modo como o pesquisador se coloca no texto ao observar o “como” cada um dos entrevistados narra. Em nenhum dos casos é possível a mera observação da produção dos dados, uma vez que as próprias escolhas de quais aspectos devem ser priorizados

em um resumo, retiram o autor da função de espectador. No entanto, no movimento de análise é possível discutir aspectos considerados significativos e que podem ser vistos, pelo investigador, como decorrência de alguma ação ou acontecimento relatado pelo entrevistado. É possível ainda explicitar o “como” cada um narra. Nesse sentido, no exercício realizado em Silva (2015) foi possível observar nas narrativas o uso de conjugações verbais ora em primeira ora em terceira pessoa, entendidos como um movimento de enfatizar o sentimento de pertença ou não à ação narrada; mudanças de perspectiva diante de distintas situações (quando a história se referia às dificuldades dos alunos ela era trazida de um modo; quando se referia a dificuldades do próprio narrador ela era trazida de outro modo, principalmente quando essas dificuldades estavam relacionadas à Matemática). Responder a questão “*O que se pode produzir com isso?*” dirigida a si mesmo, pode ser um caminho para a produção da análise. Nesse processo de pensar em como se narra é possível perceber, por exemplo, no próprio texto analítico muitas repetições de temas e a retomada de falas anteriores, em um movimento que parece ter como função e intenção a necessidade de enfatizar uma determinada ideia e se fazer entender.

Nos interessa mais o modo como os entrevistados dão sentido às experiências vivenciadas do que os “fatos em si” – como já dialogamos acima. “Do que serve checar se Seu Nivaldo³ ganhou ou não um Oscar por um filme que fez?” nos pergunta Garnica (2008, p.137) ao pressentir o estranhamento do leitor frente a essa afirmação de seu depoente, ao que ele mesmo esclarece: “Importa, sim, perceber que essa informação permite compreender que (e porque) a Seu Nivaldo agrada registrar-se (em escritos, em filmes, em fotografias) e sente-se valorizado, valorizando esses registros.” (Garnica, 2008, p. 137). Eu diria que, nesse caso, a função simbólica da narrativa nos permitiu dizer algo que vai além das características factuais, nos permitiu falar sobre desejos, anseios, movimentos. Nos permitiu elaborar uma outra narrativa na qual narramos como percebemos esse sujeito que narra, sente, ama... E assim, a análise narrativa produz fluxos que inundam o pesquisador, em oposição a um discurso assexuado e higienizado comumente presente em discursos lógicos ou “academizados”.

É fato que o discurso narrativo é mais livre do que um discurso organizado de acordo com as leis da lógica matemática (TFOUNI, MARTHA, MONTE-SERRAT, 2015). No entanto, mesmo nesse espaço de liberdade, há uma coerência interna a narrativa que rege e determina o que vai ser dito e em que direção vai ser dito. Como é possível perceber que a Seu Nivaldo agrada registrar-se em filmes? Como produzir uma coerência diante das inúmeras versões sobre a morte de Luigi Trastulli⁴? O que podemos dizer com os relatos que insistem em colocar Eron⁵ como

³ Seu Nivaldo vive no que restou do Asilo Colônia Aimorés – hoje Instituto Lauro de Souza Lima –, na cidade de Bauru, interior de São Paulo, instituição responsável pelo tratamento da hanseníase até meados do século XX. Entrevistado por Antonio Vicente Marafioti Garnica, no ano de 2007, ele afirma ter ganhado um Oscar por um filme de divulgação do Instituto e de sua história.

⁴ Referindo-se à morte de Luigi Trastulli (um operário italiano morto em 1949) que, no discurso de muitos narradores, ocorreu em datas e situações muito distintas de narrativa a narrativa. A investigação feita por Portelli (2013) não atribui importância aos “erros” presentes nas narrativas, mas sim ao modo como a morte foi interpretada: um símbolo de luta contra a opressão sofrida pelos operários; um disparador da revolta ocorrida em 1952, quando mais de dois mil operários daquela

o primeiro matemático a chegar ao estado de Mato Grosso do Sul? Há uma resposta única e verdadeira para todas essas inquietações? Há a elaboração de uma narrativa que se propõe a ser uma análise que abre caminhos para falar sobre um tema a ser estudado e produzir, com seu leitor, algumas interpretações.

Resultados e discussões

Não havia no início da investigação realizada em Silva (2015), planos pré-delineados que indicassem caminhos a trilhar. Havia um tema, um objetivo (que foi sendo modificado no decorrer da investigação), um modo de ver o mundo e muitas possibilidades. Essa é uma maneira de se fazer pesquisa entendendo que o objeto de investigação é construído no processo que também constrói os caminhos, e ter um roteiro pré-determinado, um caminho fixado a priori, pode limitar demais as análises a serem feitas. Essa postura se aproxima dos “descaminhos” de uma investigação discutidos por Bujes (2007). Assim, podemos dizer que, no início,

Não contava com uma seleção prévia de técnicas logicamente organizadas num arranjo metodológico previamente desenhado para guiar meu percurso. A inexistência de uma tal orientação (e, principalmente, acreditar que ela de nada me valeria) permitiu-me um inusitado espaço de liberdade. (Bujes, 2007, p.31)

E foi nesse inusitado espaço de liberdade, sem ter uma seleção prévia dos procedimentos a serem realizados que a pesquisa foi, aos poucos, construída. Inicialmente, as buscas foram feitas em bibliotecas, *sites* e revistas, e disso um primeiro levantamento foi realizado. Era necessário, no entanto, estabelecer um período como foco da investigação, visto que havia indícios de cursos para formar professores em Mato Grosso do Sul nos últimos 50 anos. A escolha da metodologia foi outro aspecto que nos levou a tecer considerações para subsidiar algumas das decisões tomadas neste movimento de pesquisar. Por acreditar que “[...] nossas escolhas teóricas circunscrevem, orientam, organizam as possibilidades metodológicas de nossa investigação” (Bujes, 2007, p. 26), a escolha da metodologia a ser utilizada (se é que podemos chamá-la de escolha), foi feita a partir do objetivo e do modo de conceber o mundo da pesquisadora. Ao invés de pensar nas falácias, vícios, fantasias, incompletudes e lacunas que podem permear a oralidade, apostamos, tal qual nos fala Portelli (2013) que

[...] as fontes orais usadas nesta investigação não são sempre fiáveis em termos factuais. Mas isso, em vez de resultar numa fraqueza, resulta numa força: erros, invenções e mitos guiam-nos através e para lá dos fatos, permitindo-nos descobrir seus significados. (Portelli, 2013, p.103)

comunidade perderam seus empregos. Ao pensar nesse modo de construção do fato histórico, Portelli (2013) diz talvez ser possível entender (produzir uma interpretação), “descobrir as leis, ou pelo menos algumas das formas de proceder, desta coerência da memória coletiva operária” (PORTELLI, 2013, p. 102). Ao fazer isso, talvez tenha sido possível entender o modo como é/foram atribuída(s) distintas funções simbólicas à morte de Trastulli. (SILVA, 2015, p.35).

⁵ O professor Eronides de Jesus Biscola é citado em todas as narrativas produzidas em Silva (2015) como o primeiro matemático de Mato Grosso do Sul. Nossa função ao analisar esse fato não é verificar se essa informação é verdadeira, mas sim elaborar compreensões sobre o que isso significa para aqueles que narram.

Eu diria, no entanto, além disso: diria que não há um “fato histórico” que desvelamos. Diria que os significados são construídos (e por isso mutáveis) cada vez que elaboramos uma narrativa. Gomes (2012, p. 128) afirma algo semelhante ao falar sobre as escritas de si: as “[...] distorções inconscientes ou falsificações deliberadas, em lugar de obstáculos, são indícios das realidades internas desses autores, e como tal, elementos a serem valorizados.” Além disso, ao trabalhar com a oralidade, nos importam as elaborações e não a mera checagem dos acontecimentos narrados.

O processo investigativo está longe de ser algo linear. Entendemos ter sido assim o trabalho desenvolvido em Silva (2015). Logo na primeira entrevista, alguns modos de narrar se faziam presentes e pareciam ditar o tom com que a entrevista era conduzida e poderia ser analisada. Durante a entrevista com Conceição - uma das entrevistadas pela pesquisa supracitada - o assunto parecia sempre recair sobre o curso de Matemática Aplicada e Computacional, criado em 1990, na Universidade Católica Dom Bosco, ainda que a pergunta, direcionada a entrevistada, fosse feita em outro sentido. Para nós, isso salienta o apreço e o orgulho da, à época, Pró-reitora de Ensino sobre esse curso que atraiu muitos alunos em oposição ao curso de Ciências, cuja procura era pouca. Durante as demais entrevistas, outros aspectos pareciam nos saltar aos olhos e ressaltavam o quanto cada entrevista ali presente era única, singular e uma análise paradigmática não nos parecia adequada para o conjunto de dados que tínhamos em mãos. Escrever uma análise paradigmática seria criar categorias (ainda que emergentes) e buscar trechos que ilustrassem cada uma delas, o que para nós não parecia coerente com a questão de pesquisa, muito menos com a nossa visão de mundo, que não crê que exista a história verdadeira. Por outro lado, a análise narrativa, nos permitiu elaborar mais uma narrativa, dentre as nove já produzidas, potente, que contou a história não só da formação de professores em Mato Grosso do Sul, como também de todo o processo de pesquisa.

A organização da tese foi outro aspecto que foi sendo construído no processo de pesquisa. Para a qualificação, foram apresentadas as 10 entrevistas e dois capítulos, um histórico e um metodológico. Nesse primeiro momento, a análise narrativa era para nós mais uma narrativa produzida em momento de entrevista (ou melhor, autoentrevista já que com um roteiro e gravador em mãos a narração foi iniciada). A diferença para nós entre o contar e o experienciar existe, mas temos acesso apenas ao contar, e esse, é elaborado a cada lembrança. Nesse modo de se entender o contar, a análise narrativa produzida em Silva (2015) tinha mais semelhança com as entrevistas realizadas, do que com a vivência e a experiência dos personagens daquela história. Pinto (2015) já nos disse que o viver e o contar são muito diferentes epistemologicamente. O viver é fugaz, o contar é elaboração. Dito assim, termos como fontes de primeira e de segunda mão caem por terra, afinal, no limite, todas as narrativas são invenções, elaborações, produções intencionais.

Outro aspecto é o fato de que a análise em uma pesquisa é considerada por muitos como o “*gran finale*”, muitos correm os capítulos iniciais (quando os leem) no anseio de chegar “às análises”. Os demais capítulos são apenas “preliminares” ao que importa. Com a análise realizada, findava-se o processo e as dúvidas: a história já estaria pronta! Se estabeleceu, por fim, o que foi o passado.

A narrativa analítica seria por fim igual às demais? Não. Entendemos que a construção da análise narrativa teve muitos aspectos que diziam respeito à vida da

narradora enquanto estudante de uma licenciatura noturna, enquanto professora de Licenciaturas em Matemática em Mato Grosso do Sul. Como aquela que saiu de sua cidade natal com o objetivo de lecionar no ensino superior tal qual a maioria dos seus entrevistados. Isso, no entanto, não poderia ser diferente, pois

[...] narrar é contar uma história, narrar-se é contar nossa história ou uma história da qual também somos, fomos ou nos sentimos personagens. As narrativas, então, oferecem em si a possibilidade de uma análise, se concebermos análise como um processo de produção de significados a partir de uma retro-alimentação que se iniciaria quando o ouvinte/leitor/apreciador de um texto se apropria deste texto, de algum modo, tecendo significados que são seus, mesmo que produzidos de forma compartilhada, e constrói uma trama narrativa própria que serão ouvidas/lidas/vistas por um terceiro que retorna ao início do processo. (Cury, 2011, p. 160)

Nesse sentido, “as histórias que os sujeitos nos contam, suas narrativas, servem para constituir outras narrativas nas quais a voz do pesquisador está irremediavelmente contaminada pelas vozes daqueles que teve como interlocutores” (Garnica, 2010, p.34). No entanto, o que seriam as narrativas produzidas pelos entrevistados senão elaborações frente a uma pergunta realizada?

As realidades produzidas na elaboração da narrativa são feitas por aquele que interpreta, criadas a partir dos aspectos que compõem (e compuseram) aquele que fala. É possível, então, dizer que o significado das coisas é construído continuamente a partir do momento em que nos propusemos a problematizar a formação de professores via cursos de licenciatura em Matemática e em Ciências. E nesse sentido, seja na narrativa produzida como um movimento de análise, seja nas nove narrativas produzidas coletivamente, o discurso sobre a formação de professores multiplica-se ao invés de rarefazer-se. Os discursos a partir dos quais a análise narrativa foi produzida são do presente e enfatizam o modo como, no momento da entrevista, os professores que lecionaram nas Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul entendem a formação oferecida. São histórias contadas e recontadas tantas vezes que já não mais interessa em que momento e qual foi o olhar lançado. No limite, o que temos são elaborações, que como tais, nos dizem muito mais sobre aquele que narra do que sobre algum pretense acontecimento a ser narrado.

Referências bibliográficas

- BOLÍVAR, A; DOMINGO, J; FERNÁNDEZ, M. (2001) La investigacion biográfico-narrativa en educación: Enfoque y metodología. Madrid: Muralla S.A., 328 p.
- BRUNER, J. (1991) A Construção Narrativa da Realidade. *Critical Inquiry*, 18 (1), pp.1-21. Tradução Waldemar Ferreira Netto.
- BRUNER, J. (2014) Fabricando Histórias: direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e Voz, 137 p. tradução: Fernando Cássio.
- BUJES, M. I. E. (2007) Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora. p. 13-34.

- CURY, F. G. (2011) Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- FERNANDES, F. S. (2014) A Quinta História: composições da educação matemática como área de pesquisa. 233 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista - Unesp - Rio Claro, Rio Claro,sp.
- GARNICA, A. V. M. (2008). A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática. São Paulo: Editora UNESP. 213 p.
- GARNICA, A.V.M. (2010) Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. Ciências Humanas e Sociais em Revista, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p.29-42, jul./dez.
- GOMES, M.L.M. (2012) Escrita autobiográfica e história da educação matemática. Bolema: Boletim de Educação Matemática, Rio Claro, Sp, v. 26, n. 42, p.105-138, abr.
- LAROSSA BONDIÁ, J. (2002) Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 19, n. 19, p.20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2018.
- MARTINS-SALANDIM, M.E. (2012) A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960. 379 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- PORTELLI, A. (2013) A Morte de Luigi Trastulli e Outros Ensaio: ética, memória e acontecimento na história oral. Portugal: Edições Unipop. 202 p.
- SILVA, C. R. M. da. (2015) Uma, Nove ou Dez Narrativas sobre as Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista – Unesp, Rio Claro.
- SOUZA, A.C.C; DIGIOVANNI, A.M.P; VIANA, C.R. (2010) Um Texto e um Outro. Zetetiké, Campinas, v. 18, n. 34, p.235-258, jul./dez.
- TFOUNI, L. V; MARTHA, D.J.B; MONTE-SERRAT, D.M. (2015). Narrar para narrar-se: entre o livro e a sabedoria, a autoria. Memorandum, Belo Horizonte, MG; Ribeirão Preto, SP, n. 28, p.132-144, abr. 2015. Semestral.
- PINTO, T.P. (2015). Produção de histórias na Educação Matemática: um exercício com os Projetos Minerva mobilizando texto ficcional e fotografias compósitas. Perspectivas da Educação Matemática, [s. l.], v. 8, n. n. temático, p. 862–881. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/pedmat/article/viewFile/916/985>>